PARA REFLETIR HOMOSSEXUALIDADES E DIFERENÇAS – O fenômeno do “circuito gay” e a etnografia da Parada LGBT de Soure (Marajó/Pará)

Wladirson Ronny da Silva Cardoso

Professor da Universidade do Estado do Pará – UEPA. Doutor em Antropologia Social pela Universidade Federal do Pará – UFPA. Mestre em Direitos Humanos e Inclusão Social pela Universidade Federal do Pará – UFPA. Graduado em Filosofia pela Universidade Federal do Pará – UFPA. Líder do Grupo de Estudos e Pesquisa em Filosofia Moderna e Contemporânea – COGITANS. E-mail: wladirson.cardoso@gmail.com

Kaique Campos Duarte

Advogado, Mestre em Direitos Fundamentais pela Universidade da Amazônia – UNAMA. Especialista em Direito Penal e Processual penal pela Universidade Estácio de Sá – UNESA e Especialista em Direito Constitucional pela Damásio Educacional – DAMÁSIO. Graduado em Direito pela Faculdade Ideal – Faci | Wyden, Graduado em Ciências Sociais pela Universidade Cidade de São Paulo – UNICID e Graduado em Segurança Pública pela Universidade Estácio de Sá – UNESA. E-mail: kaique.ma1507@gmail.com

RESUMO

O presente artigo pretende realizar uma análise antropológica da experiência e do “modo de vida gay” de homossexuais masculinos em processo de envelhecimento da cidade de Soure (Marajó/Pará). Neste pequeno recorte de caráter teórico-interpretativo, proponhamos uma retomada hermenêutica de algumas questões importantes que emergiram a partir das visitas e incursões ao meu campo de pesquisa, considerando os procedimentos metodológicos da observação participante e das conversas e diálogos [com propósito], realizadas junto a nossos interlocutores. Assim é que, neste texto, retorno às tensões epistemológicas e às reflexões etnográficas quanto à pergunta “em que medida é possível uma antropologia do envelhecimento de homens gays em uns contextos sócios sexuais distanciados do centro-urbano e metropolitanos?”, destacando a presença/ausência de homossexuais masculinos em curso de vida de idade avançada nos discursos das Paradas LGBT’s de Belém (2007), de São Paulo (2014) e Soure (2014), contextualizando as nuances e particularidades deste evento no interior de uma cidade da Amazônia Marajoara que se constituiu no lugar de minha aprendizagem e qualificação como antropólogo das (homos) sexualidades não convencionais, não binárias, não aceitas, abjetas e marginais, durante os anos de pesquisa e escrita da tese. O percurso investigativo empregado na pesquisa consistiu numa prática de imersão no cotidiano e no modo de vida dos interlocutores, quais sejam, homossexuais masculinos em processo de envelhecimento, onde as expressões e falas apreciadas entre o mais velho e o mais novo dentre eles, permitiu-me vislumbrar as proximidades e distanciamentos deles, no que diz respeito à organização e ocorrência da VIII Parada LGBT de Soure.

Palavras-chave: Homossexualidade Masculina. Envelhecimento Gay. Amazônia Marajoara. Soure e Diferença.

REFLECTING ON HOMOSSEXUALITY AND DIFFERENCES – The “Gay Circuit” phenomenon and the ethnography of the LGBT Parade from Soure (Marajó/Pará)

ABSTRACT

This paper aims to conduct an anthropologic analysis of the experience and the “gay lifestyle” of male homosexuals experiencing the aging process in the city of Soure (Marajó/Pará). This theoretical-interpretative research proposes a hermeneutic approach on some important questions that have emerged from visits and incursions to my field of study, considering the methodological procedures of participant observation and dialogues [with a purpose] carried out with our interlocutors. Thus, in this text, I return to epistemological tensions and to ethnographic reflections about the question: “would it be possible to discuss an anthropology of the aging process of gay men in socio-sexual contexts distanced from metropolitan urban centers?”. The article highlights the presence/absence of elderly male homosexuals in the context of LGBT Parades from the Brazilian cities of Belém (2007), São Paulo (2014) and Soure (2014), examining the nuances and particularities of this event in the countryside of an Amazon city that happened to be the place where I have become an anthropologist of the nonconventional, non-binary, not accepted, abject and marginalized (homo)sexualities throughout years of research and development of this thesis. The investigative trajectory used in this research is characterized by the immersion in the interlocutors’ daily lives and lifestyle, namely male homosexuals going through aging process. The idioms and speeches used between the oldest and the youngest of them allowed me to glimpse the similarities and differences in what concerns the organization and concretization of the VIII LGBT Parade of Soure.

Keywords: Male Homosexuality. Gay Aging. Marajoara Amazon. Soure. Difference.

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo pretende realizar uma análise *antropologia da experiência e do “modo de vida gay”* de homossexuais masculinos em processo de envelhecimento da cidade de Soure (Marajó/Pará). Neste pequeno recorte ante os elementos antropológicos de uma filosofia social da diferença proponhamos à leitura dos que possam se interessar pelo tema das diferentes (homo)sexualidades, isto é, das sexualidades marginais, descrevemos e problematizamos, comparativamente, as Paradas LGBT’s de São Paulo, Belém e Soure, contextualizando antropologicamente, as nuances e particularidades deste evento no interior

Wladirson Ronny da Silva Cardoso | Kaique Campos Duarte

de uma cidade da Amazônia Marajoara¹⁴⁸, considerando: 1) a realização da mesma durante as férias de julho do ano de 2014, em meu lócus de pesquisa e 2) a percepção de dois de meus principais interlocutores, *Agatão* e *Fedro*¹⁴⁹, quanto a realização desta festa (Mangani 2013)¹⁵⁰ que integra o calendário da programação de verão da cidade.

Localizada há, aproximadamente, 87 km de Belém, na Costa Oriental da Baía do Marajó, Soure é conhecida pelas enormes fazendas de campos alagados, onde pastam tranquilamente grandes búfalos, que servem não só para o transporte de carga, mas, também, para o corte e a produção do leite, que é utilizado na fabricação caseira/tradicional de queijo – o famoso *Queijo do Marajó!* – apreciado pelos habitantes nativos e servido como iguaria para visitantes e turistas da capital e/ou do Brasil e do exterior. Num trajeto que dura entre três horas/três horas meia e que vai ou da Companhia Docas Do Pará (CDP), no cruzamento da Avenida Doca de Souza Franco com o Boulevard Castilhos França na “Cidade das Mangueiras” ou que sai do trapiche de Icoaraci (distrito de Belém) na Primeira Rua até o Porto de Camará – já na Grande Ilha – prossegue-se, em via terrestre, até a cidade de Salvaterra, de onde se atravessa

¹⁴⁸ Cf. Pacheco, Agenor Sarraf. 2010. A conquista do ocidente marajoara – índios, portugueses e religiosos em reinvenções históricas in: *Muito além dos campos – Arqueologia e História na Amazônia Marajoara*. Organizado por D. Schaan e C. Martins, pp. 13-32. Belém-Pará: Gknoronha.

¹⁴⁹ Procuramos investigar seu lugar na “paisagem social” do Marajó, resolvemos atribuir aos sujeitos pesquisados os nomes das personagens mais expressivas de o *Symposium* (O Banquete), do velho sábio Platão. Assim, tanto por razões éticas – particularmente no que diz respeito à pesquisa com seres humanos (em Antropologia Social); quanto por motivos de caráter teórico e epistemológico, acreditamos que o recurso da “alunha”, que substituiu, fictícia ou imaginariamente, o nome de registro dos entrevistados, apresenta aqui, no mínimo, três dimensões: a primeira de caráter lúdico-imagético, o que está de acordo com o pensamento de Clifford Geertz (1989), para quem a Antropologia é também uma prosa ficcional, de maneira que a interpretação semiótica da cultura é, inequivocamente, uma prerrogativa do ofício do etnólogo. A segunda dimensão de caráter metodológico e procedimental diz respeito à maneira como o pesquisador deve, necessariamente, tratar seu interlocutor, uma vez que não se trata de descrever objetos brutos do mundo natural, e sim sujeitos que possuem – como se diria em Filosofia Prática – autonomia da vontade e que, justamente, por isso merecem ter sua singularidade preservada, não de um modo qualquer; mas de formas a expressar artística/esteticamente seu *devoir homossexual*, levando-se em consideração o que Antônio Crístian Saraiva Paiva (2007) orienta quando afirma que a “(...) delicadeza para tratar da vida de outras pessoas em nossos textos interpela nossos gestos de ver, ouvir e escrever e indaga-nos naquelas dimensões apontadas por Roberto Cardoso de Oliveira: moralmente, politicamente, epistemologicamente. É preciso saber de que lado estamos, segundo a expressão de Becker (1977:122), não para referir um nós oposto a eles, mas para estarmos cientes de que “não podemos jamais evitar tomar partidos”, e que, mesmo segurando nas mãos as rédeas dos “cães de guarda da metodologia” (BORDIEU), nossos dados jamais são imparciais.” (pp. 45-46) Somente assim é que, de acordo com Paiva (2007), conseguiremos prosseguir com uma *escrita mais proximal*, isto é, intensiva e distante da escrita-comentário (escrita-porta-voz, escrita-poster) que cristaliza as identidades. Em terceiro e último lugar, a referência à Platão é, sem dúvida, fundamental, pois, a despeito de abordar a natureza de *Eros* com vistas à circunscrição desta potência amorosa ao seu projeto filosófico idealístico, não-sensual e, portanto, incorpóreo, existe na economia do texto do *Symposium*, uma reflexão sobre o amor entre iguais que, por sua vez, implica num *estar junto entre homens*. Cf. Platão. 2001. *O Banquete – Apologia de Sócrates*. Belém: UFPA.

¹⁵⁰ Cf. Magnani, José Guilherme Cantor. 2003. *Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade*, 3ed. São Paulo: Hucitec/UNESP.

Wladirson Ronny da Silva Cardoso | Kaique Campos Duarte

de “barquinho pô-pô-pô”¹⁵¹ pelo rio Paracauarí até a Ponte do Trapiche da “Pérola Marajoara”¹⁵².

De avenidas largas e numeradas, com frondosas mangueiras ao centro e com um Mercado Municipal de frutas, verduras, peixes e artefatos – vendidos como “autêntico” registro da cultura material dos nativos do lugar – Soure é uma cidade de médio porte, isto é, com uma atividade econômico-comercial que atende às necessidades dos habitantes municipais e dos moradores das comunidades próximas, como a comunidade do Caju-Una. Possuidora de uma história caracterizada por ciclos, tal qual o da colonização e o das fazendas de criação de equinos e de bubalinos (que, por sua vez, garantiu a territorialização desta parte da Ilha), Soure abriga uma Prelazia da Igreja Católica e durante algum tempo gozou de prestígio e importância política na região, sendo alcunhada de “Capital do Marajó”, situação que começou a se inverter na segunda metade do século XX, perdendo o distrito de Salvaterra, que, hoje em dia, é o maior município em termos econômicos e populacionais do arquipélago.

Assim, enquanto Salvaterra vive a fleuma de sua “voação turística”, de um lugar que se entrega àquela corrente alvoroçada de banhistas sedentos de “praia”; a tranquila Soure descansa esplendidamente de uma “belle époque” que só se agita em folias no período das férias escolares de janeiro/fevereiro, do carnaval e do chamado “verão amazônico” do mês de julho. Porém, quando lá cheguei pela primeira vez no ano de 2012 (dois mil e doze) para realizar minha pesquisa de campo, o “verão” já havia terminado. Esse período que corresponde às férias escolares do mês de julho, coincide também com um período bastante quente e ensolarado da região amazônica, no qual existe um fluxo muito intenso de pessoas, em busca de praia e diversão. Nesse momento, então, deparei-me com aquela Soure tranquila, vivendo seu cotidiano, na rítmica de uma paisagem caracterizada pela figura emblemática e diacrítica do búfalo, num “*ir-e-vir hermenêutico*”, vagaroso, lânguido – quase reflexivo.

¹⁵¹ É uma embarcação típica dos rios da Amazônia e que, devido ao tamanho e ao barulho do motor a óleo Diesel, recebe a onomatopeia de “pô-pô-pô” como qualificativo específico e distintivo.

¹⁵² Perífrase relativa à importância econômica e política de Soure que, também, remete às belezas naturais do município.

Wladirson Ronny da Silva Cardoso | Kaique Campos Duarte

2 ENTRECruzando TERMOS, PRÁTICAS E DESEJOS – “BICHAS”, “BOFES”, “SEDUÇÃO” E “CONQUISTA”

Nas visitas ao campo que se seguiram naquele ano, isto é, de 02/08/2012 a 06/08/2012 e de 21/10/2012 a 03/11/2012 e mesmo na primeira ida ao campo no ano seguinte, qual seja, de 10/01/2013 a 19/01/2013, ouvimos, com certa frequência, Agatão, nosso informante mais velho, de 82 (oitenta e dois anos) à época e ex diretor de escola e professor aposentado, reclamar do aumento do número de pessoas que se dirigem a Soure e, também, do número de festas que acontecem na cidade durante o mês de julho. Por isso a emblemática expressão que certa vez, nosso outro interlocutor, o mais jovem de todos, alcunhado Fedro, utilizou em um determinado relato: “[t]u precisa vim aqui nesse período, mana! É muito legal; Soure lota. Tem muito bofe aqui nas festa.” (Em 25/10/2012)

Embora tenhamos encontrado com Fedro somente uma única vez, isto é, no dia 16/07/2013, ao longo de nossa quinta viagem de campo (de 15/07/2013 a 03/08/2013), não nos desobrigamos de circular pelos bares da 4ª Rua, principalmente o *Varanda Restaurante e Bar*, que, além de servir a carne de búfalo, peixe e outras iguarias do paladar marajoara no horário de almoço, possui uma agenda de shows de “voz e violão” às sextas e sábados, nos meses de férias. Todavia, circulamos também nos bares onde o *Técnobrega*¹⁵³ era o único ritmo apreciado e em locais onde se realizavam “bailes da saudade”. Em nenhum deles e, tampouco, no *Badalauê* – uma espécie de clube e sede social próximo à casa de Agatão – notamos a existência de um “circuito gay” explícito, apesar de, nesses espaços, ter observado a presença de travestis e “bichas pintosas”, isto é, homossexuais com maneirismos e trejeitos femininos. Percebemos, então, que, em Soure, o “jogo de sedução e conquista” gay em espaços públicos é discreto e implica em um conjunto de “regras” que passam pela autodeclaração e performatização da homossexualidade, na medida em que é preciso deixar bem claro quem é a “bicha” e quem é o “bofe”, para que ocorram os “encontros” e “intercursos sexuais”. Foi, assim, que pudemos observar olhares furtivos e sedutores e, também, sorrisos maliciosos, às vezes imediatamente disfarçados, em lugares e espaços tidos como de “hetero”.

¹⁵³ Estilo de música e dança que mistura, de forma ritmada, dramas cotidianos (como infidelidades e traições, saudades e separações) a batidas eletrônicas agitadas, produzidas a partir de programas de computadores. Tal ritmo é considerado eminentemente paraense.

Wladirson Ronny da Silva Cardoso | Kaique Campos Duarte

Definitivamente, Soure tem uma “vida gay”! E a prova disto é não somente o “jogo de olhares” que ocorre nos bares e nas praias – como, por exemplo, na Praia da Barra Velha, onde tivemos a oportunidade de passar a manhã do dia 20/07/2013, apreciando a exposição *corpos que importam*, no tocante à performatividade expressa do desejo. Mas, além disso, uma prova consistente de que Soure reconhece, de alguma forma, a existência de gostos e práticas homoeróticas é a realização de uma das mais importantes Paradas do Orgulho LGBT [do Marajó e do estado do Pará] e que, por sua vez, integra o cronograma da “Programação de Férias” da Prefeitura Municipal da Cidade, fazendo parte do “Calendário de Festas” do mês de julho. Embora, na opinião de Agatão, tal evento seja muito mais turístico do que eminentemente político, a Parada Gay de Soure é realizada com o apoio do Movimento LGBT de Belém e de algumas autoridades municipais. Para Regina Facchini (2012)¹⁵⁴, a diversidade de formatos e tendência da militância gay no Brasil presentes apenas em alguns estudos realizados em cidades do interior chamam “(...) a atenção para atores cuja relevância nos processos está relacionada a sua importância no contexto local e para os efeitos de políticas de saúde que [fomentam] a criação de grupos ativistas para além das capitais.” (p. 11)

A VIII Parada do Orgulho LGBT de Soure, portanto, ocorrida no final de semana que compreendeu os dias 20 (sábado) e 21 (domingo) de julho de 2013, teve como tema *Chega de machismo e homolesbotransfobia! Queremos respeito, dignidade e cidadania!*”. E, nas falas dos/as militantes do Movimento Gay, restou evidente dois pontos considerados importantes: 1) a presença mesma de nomes e/ou figuras conhecidas do Movimento Gay de Belém – como Duda Lacerda e Barbara Pastana e 2) a necessidade de se formar quadros para consolidar o Movimento LGBT em Soure. De um modo geral, no que toca às Paradas do Orgulho LGBT, Facchini (2012) as considera verdadeiras “(...) atividades que se tornaram as maiores e mais difundidas manifestações de massa organizadas por movimentos sociais no Brasil contemporâneo.” (p. 07)

Entretanto, apesar da VIII Parada do Orgulho LGBT de Soure encontrar-se inserida em uma conjuntura política mais ampla de defesa dos Direitos Humanos e da Diversidade Sexual, existem algumas particularidades que, por sua vez, devem ser etnograficamente descritas e que a diferenciam significativamente das Paradas realizadas em grandes capitais como São Paulo ou mesmo Belém. No item a seguir, demonstrarei, comparativamente, as semelhanças

¹⁵⁴ Cf. Facchini, Regina. 2012. Conexões, processos políticos e movimentos sociais: uma reflexão teórico-metodológica a partir do movimento LGBT in: *Revista Advir*, pp. 6-20. Rio de Janeiro: Asduerj.

Wladirson Ronny da Silva Cardoso | Kaique Campos Duarte

entre as Paradas dessas duas grandes cidades a fim de que, em seguida, indique quais as diferenças que existem entre ambas e as particularidades e especificidades da Parada Gay de Soure.

3 TRÊS CIDADES, TRÊS PARADAS – UM COTEJO ENTRE A VIII PARADA LGBT DE SOURE E AS PARADAS GAYS DE BELÉM E SÃO PAULO

No ano de 2003, acompanhamos pela primeira vez a Parada do Orgulho LGBT de Belém, que, naquele ano, estava em sua 2ª (segunda) edição. Lembro-me que a concentração dos trios elétricos, dos/as militantes e, também, dos/as demais participantes ocorreu em uma manhã de um domingo do mês de julho, na Avenida Boulevard Castilhos França, em frente ao Mercado do Ver-o-Peso... Por aqueles idos, utilizava-se, ainda, a sigla GLS, isto é, “Gays, Lésbicas e Simpatizantes”, para caracterizar/descrever as identidades sócio-políticas dos “sujeitos do movimento” (Facchini 2005)¹⁵⁵, sendo, por isso, muito comum, naquele tempo, se falar, também, dos tipos “curiosos/as”. Havia, ainda – como de fato ainda há – os/as que eram vistos/as e/ou se viam como simples “expectadores/as”, que, sozinhos/as ou acompanhados/as de seus/as namorados/as ou familiares/as, assistiam”, das calçadas ou do alto dos prédios, a “caminhada” que subia a Avenida Presidente Vargas e que se dispersava na Praça da República, em frente ao Prédio do Banco da Amazônia (BASA), próximo do Hilton Hotel.

Antes de prosseguirmos com essa “marcha” da memória e remontar nossas experiências pessoais das/nas Paradas LGBT de Belém, para, na sequência, compará-las às observações realizamos nas VIII Parada do Orgulho Gay de Soure e na XVIII Parada LGBT de São Paulo, é importante considerar que: um olhar sobre os processos de construção e reconstrução de “identidades coletivas” e mostra-nos, por exemplo, que “(...) as categorias utilizadas para nomear o sujeito político, [são] produzidas a partir das relações estabelecidas no ‘campo’ do movimento e que não necessariamente [levam] em conta o que se dá na ‘arena’”. (Facchini 2012:10)¹⁵⁶. Por isso que, ao participarmos pela segunda vez de uma Parada LGBT em Belém (em um domingo de agosto do ano de 2007), ela havia adquirido outras “letrinhas”: G/L/B/T – “Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais”, numa dinâmica que explicita,

¹⁵⁵ Cf. Facchini, Regina. 2005. *Sopa de letrinhas?: movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 90*. Rio de Janeiro: Garamond.

¹⁵⁶ Cf. Facchini, Regina. 2012. Conexões, processos políticos e movimentos sociais: uma reflexão teórico-metodológica a partir do movimento LGBT in: *Revista Advir*, pp. 6-20. Rio de Janeiro: Asduerj.

Wladirson Ronny da Silva Cardoso | Kaique Campos Duarte

segundo Facchini (2012), a proliferação de categorias implicadas em demandas de reconhecimento da especificidade de sujeitos que se sentem invisibilizados ou mesmo excluídos.

Porém, no ano de 2007, a Parada Gay de Belém não saiu do Mercado do Ver-o-Peso em direção à Presidente Vargas; mas sim da Avenida Visconde de Souza Franco [mais conhecida como Doca] – local até hoje preferido para a sua concentração. No ano seguinte, ou seja, em 2008, “[a] ordem das iniciais da sigla pela qual o movimento era conhecido – GLBT – foi alterada para contemplar a questão de gênero na I Conferência Nacional do movimento” (Brasil 2008)¹⁵⁷. Isto demonstra, portanto, que a própria “percepção” dos sujeitos que se sentem invisibilizados e/ou excluídos resulta de uma “(...) árdua negociação política que [permite] sua inclusão na agenda do movimento – e na sigla que o representa.” (Facchini 2012:10)¹⁵⁸

Todavia, em 2008, participamos da VII Parada LGBT de Belém, ocorrida no dia 14 de setembro (domingo), também na condição de entrevistadores da *pesquisa Política, Direitos, Violência e Homossexualidade*, coordenada localmente pela Professora Doutora Cristina Donza Cancela (UFPA) e nacionalmente pelo Professor Doutor Sérgio Carrara (UERJ) e promovida pelo Centro Latino-americano em Sexualidade e Gênero (CLAM). De lá até aqui, nossa participação neste evento tornou-se frequente, sem nenhuma interrupção. Deve-se observar que, em Belém, a Parada possui uma programação que integra vários espaços da cidade que, por sua vez, acolhem diversas atividades tais como palestras e amostras de filmes com a temática LGBT, as quais se realizam ao longo dos dias que antecedem o dia da marcha.

Percebemos que, em Belém, as Paradas LGBT’s tem sua concentração, preferencialmente, estabelecida em algum ponto da Avenida Doca de Souza Franco e o início da “caminhada/passeata” ocorre, geralmente, no começo da tarde e dura de 3 (três) a 4 (quatro) horas aproximadamente. O trio elétrico que encabeça a Parada é chamado de Trio do Movimento e nele “sobem” 1) alguns nomes representativos da luta pelos Direitos Humanos/Sexuais no estado do Pará e no Brasil, 2) políticos que apoiam e/ou também

¹⁵⁷ Cf. Brasil Direitos Humanos. 2008: A realidade do país aos 60 anos da Declaração Universal. – Brasília: SEDH, c. 2008. 285p.: il. color.

¹⁵⁸ Cf. Facchini, Regina. 2012. Conexões, processos políticos e movimentos sociais: uma reflexão teórico-metodológica a partir do movimento LGBT in: *Revista Advir*, pp. 6-20. Rio de Janeiro: Asduerj.

Wladirson Ronny da Silva Cardoso | Kaique Campos Duarte

defendem a causa LGBT e 3) demais convidados/as que, após ouvirem a execução do Hino Nacional, discursam contra o preconceito, a discriminação, o machismo e a homolesbotransfobia, em favor de pautas como o reconhecimento da cidadania e da proteção da integridade física da população de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transgêneros; o casamento igualitário; a adoção de crianças menores de idade por casais de mesmo sexo; a criação e a implementação de políticas públicas de prevenção e proteção de LGBT's contra doenças venéreas e o HIV/aids, enfim.

A movimentação dos trios só começa após a solenidade do Hino Nacional e discursos e, obviamente, quando os/as apresentadores da Parada declaram-na “aberta”. Cada trio elétrico, inclusive o Trio do Movimento, tem um DJ que toca músicas eletrônicas e alguns outros “hits” nacionais e internacionais conhecidos pelos/as militantes e participantes da Parada, e, assim, a “caminhada/passeata” dançante percorre toda a extensão da Doca, entra no Boulevard Castilhos França e termina em um show que ocorre em um palco fixo que existe na Praça Waldemar Henrique.

Se, no entanto, descermos das categorizações abstratas que definem as identidades dos sujeitos sócio-políticos da militância LGBT e observarmos atentamente às múltiplas figuras que compõem o quadro amplo, geral e complexo da diversidade sóciossexual humana, veremos que, na Parada Gay de Belém, as fronteiras de gênero, raça/cor, classe e sexualidade arranjam-se de modos variados, descrevendo aproximações e afastamentos, delimitando espaços e lugares, visibilidades ou invisibilidades. Assim é que “boys”/ou “bofes”, “bichas femininas”, “sapatões machudas” ou não; *drag queens*, “ursos” (homossexuais gordinhos, fofinhos), garotas de programa, michês e go-go boys; juntamente com “elzas” (ladrões, também chamados de malacos – corruptela de malandro) e “alibãs” (policiais), tanto quanto homossexuais envelhescentes e vendedores ambulantes, compõem tramas existências e teias de significação sexualmente diversas – *cada vida, um olhar, uma Parada diferente*.

Aliás, quadro semelhante pudemos observar também na 18ª (décima oitava) edição da Parada do Orgulho LGBT de São Paulo, realizada no dia 04/05/2014, cujo tema foi *País vencedor é país sem homolesbotransfobia*. Lá a concentração se deu em frente ao Museu de Artes de São Paulo (MASP), na Avenida Paulista. O Trio do Movimento, posicionado na frente dos outros trios elétricos, “puxou a passeata”, que iniciou por volta do meio dia, logo após a fala dos

Wladirson Ronny da Silva Cardoso | Kaique Campos Duarte

militantes/representantes da luta pelos Direitos Sexuais no Brasil, tais como Jean Willys, defensor da causa LGBT e Deputado Federal. A marcha se dispersou no final da Rua da Consolação e durou aproximadamente seis horas. O show de encerramento se deu em um palco montado na Avenida Ipiranga, em frente à Praça da República, conhecido ponto de encontro e pegação gay de São Paulo.

Durante todo o percurso, embalado ao som de músicas eletrônicas, funk, música sertaneja, axé music e pagode, ou seja, ritmos tocados pelos Dj's em suas Pick Up's [que podem ser descritas como bases instrumentais de som para equalizações e remixagens] lá do alto dos mais de 10 (dez) trios que integravam a Parada, os/as incontáveis participantes divertiam-se sob o patrulhamento ostensivo dos/as policiais militares que, através de uma postura defensiva/repressiva “em guarda”, isto é, armas na cintura e braços baixos, estendidos na frente com cassetete em mãos ou mesmo através de câmeras e helicópteros, observavam aquele colorido desfilar das diversidades.

Ora, tanto em Belém, quanto em São Paulo, uma enorme bandeira multicolor do arco-íris LGBT é aberta, estendida e, também, empunhada diante do Trio Elétrico do Movimento, pedindo licença e passagem para o “samba popular”¹⁵⁹ daqueles que a história considera infames, mas que, neste dia, fazem questão de demonstrar seu orgulho e performatizar sóciossexualmente o seu desejo. Para Facchini (2012)¹⁶⁰:

“[a] visibilidade do movimento LGBT e das questões que publiciza, bem como a posição que questões ligadas à sexualidade ocupam atualmente nas disputas travadas no cenário político nacional e internacional, têm levado a um crescimento da produção de pesquisas sobre esse movimento social. Embora tal produção, majoritariamente levada a cabo em dissertações e algumas teses de doutorado se espalhem por programas de pós-graduação dispersos pelas diferentes do país, não seja necessariamente levada em conta nos fóruns que discutem movimentos sociais, é preciso reconhecer que ela é perpassada por boa parte dos dilemas colocados para a reflexão sobre ações coletivas no cenário brasileiro contemporâneo e que pode oferecer contribuições relevantes para o pensamento social dedicado a essa temática.” (p. 7-8)

Nosso objetivo aqui, porém, não é necessariamente discutir o movimento social LGBT a partir de Soure, considerando, prioritariamente, as demandas requeridas pelos/as militantes dos Direitos Sexuais de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transgêneros – muito embora isto seja feito, sub-repticiamente, quando, por exemplo, acesso meu envolvimento político

¹⁵⁹ Alusão a música “Vai Passar”, de Chico Buarque de Holanda, cujos primeiros versos dizem: “Vai passar/ Nessa avenida um samba popular/Cada paralelepípedo/ Da velha cidade/Essa noite vai/Se arrepiar”.

¹⁶⁰ Cf. Facchini, Regina. 2012. Conexões, processos políticos e movimentos sociais: uma reflexão teórico-metodológica a partir do movimento LGBT in: *Revista Advir*, pp. 6-20. Rio de Janeiro: Asduerj.

Wladirson Ronny da Silva Cardoso | Kaique Campos Duarte

com a temática. Entretanto, acredito que o mais relevante neste capítulo, em vista mesmo dos propósitos desta tese, constitua descrever minhas impressões/percepções acerca da VIII Parada Gay da “Pérola do Marajó”, na medida em que este evento integra a programação das férias de julho da cidade, período em que a relação de nossos interlocutores com Soure muda significativamente, devido ao aumento do número de pessoas no lugar.

Por exemplo, na opinião de Agatão, o período das férias de julho é um período em que “(...) vem muita gente. Soure lota. Tem muito agito, muita festa, muito barulho. É uma confusão só!” (Em 04/08/2012) Já na opinião de Fedro: “[t]u precisa vim aqui nesse período, mana! É muito legal; Soure lota. Tem muito bofe aqui nas festa.” (Em 25/10/2012) Ora, como se pode ver, ambos concordam que, durante o veraneio, 1) vai “muita gente” para Soure e que 2) a cidade lota e que, por isso, 3) ocorrem muitas festas. Todavia, Agatão e Fedro parecem discordar quanto ao “agito” da cidade, pois, enquanto para aquele o barulho das festas representa uma “confusão só”, para este é “muito legal”. Agatão mora próximo de uma das mais frequentadas casas de shows no mês de julho em Soure, o Badalauê – uma sede ou clube dançante – em que se realizam, por exemplo, as festas do “Búfalo do Marajó, uma das mais conhecidas “aparelhagens de som” do estado do Pará, juntamente com o “Super Pop”.

Como, então, definir uma “aparelhagem”?... Como o próprio nome indica, é um conjunto de equipamentos que potencializam o som [eletrônico] e que, portanto, envolvem a Pick Up do DJ e as saídas de som, isto é, geralmente caixas amplificadoras de grandes proporções que, como diz Agatão, faz “(...) tum tum tum no chão. A terra treme. E o barulho é muito alto.” (Em 05/08/2012) Perguntamos, certa vez a Agatão, se ele já havia ido a alguma festa dessas no Badalauê e ele foi categórico na resposta: “Eu não! Não gosto disso! É só bebedeira, gente porre. Ainda prefiro mil vezes o sossego da minha cama do que isso.” (Em 05/08/2012) Sim, é verdade: Agatão não frequenta essas festas e também as reprova veementemente, pois: “(...) isso não deixa eu dormir direito. Começa umas dez horas e vai até de madrugada. Quando acaba, precisa ver o tanto de moça porre, de rapaz falando alto, gritando na rua, chamando palavrão.” (Em 05/08/2012)

Wladirson Ronny da Silva Cardoso | Kaique Campos Duarte

Ao etnografar festas e expressões de sociabilidade e lazer em bairros periféricos de São Paulo no início dos anos 1980, José Guilherme Cantor Magnani (2013)¹⁶¹ afirma que, à época, o tema era considerado alienado e de somenos importância, posto que se supunha que outras formas de vivência/existência da classe trabalhadora, tais como organizações sindicais e política, eram consideradas mais dignas de interesse e pesquisa, a despeito, por exemplo, do tempo livre, que, segundo o autor “(...) é parte integrante da vida cotidiana das pessoas e constitui, sem dúvida o lado mais agradável e descontraído de sua rotina semanal.” (Magnani 2013:18) É, assim, portanto, que a questão das festas assume, hoje, um lugar privilegiado nas etnografias em que a temática emerge, uma vez que:

“(...) o volume, alcance e sofisticação das inúmeras formas por meio das quais se utiliza aquela parcela de tempo liberado das obrigações socialmente determinadas fazem do lazer tema de reflexão sobre o próprio significado da sociedade contemporânea, sobre as possibilidades que abre e os impasses que acirra.” (p. 11)

Por falar em impasses e acirramentos, quando na tarde do dia 19/07/2013, estivemos, mais uma vez, na casa de Agatão e perguntei-lhe se sabia da Programação da Parada LGBT de Soure, ele pareceu indiferente. Sentado na rede, com os pés tocando leve e calmamente o chão, apenas para garantir um discreto embalo e voltado em direção do lugar em que estava posicionado, ele torceu os lábios e balançou negativamente a cabeça, respondendo-me um monossilábico “não”. Insistindo no assunto, questionei o porquê da negativa e, finalmente, ele me disse que: “É só exposição, aquelas bichas desmunhecando, querendo ser mulher, usando saia, maquiagem. Isso não é para mim.” (Em 19/07/2013) Agatão estava se referindo, inequivocamente, às *drags*, ou seja, tipo obrigatório em qualquer Parada do Orgulho Gay.

Guacira Lopes Louro (2008)¹⁶², em *Um corpo estranho – Ensaios sobre sexualidade e teoria queer*, descreve homossexuais, bissexuais, travestis, transexuais e drags como corpos que não desejam ser necessariamente integrados e, tampouco, tolerados, numa perspectiva da subsunção de sua performatividade sóciosexual às normas imperativas da heterossexualidade compulsória. Daí, portanto, encarnarem um jeito de pensar/sentir/agir que desafiam as instituições regulatórias, corporificando o desconforto, a ambiguidade, o “entre lugares” e o indizível. Em outras palavras: homossexuais, bissexuais, travestis, transexuais e drag queens

¹⁶¹ Cf. Magnani, José Guilherme Cantor. 2003. *Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade*, 3ed. São Paulo: Hucitec/UNESP.

¹⁶² Cf. Louro, Guacira Lopes. 2008. *Um corpo estranho – ensaios sobre sexualidade e teoria queer*, 1ed. Belo Horizonte: Autêntica. 95p.

Wladirson Ronny da Silva Cardoso | Kaique Campos Duarte

são “corpos estranhos” que provocam, perturbam e incomodam, *ao mesmo tempo em que fascinam*.

Louro (2008) afirma que o gênero e a sexualidade inscritos nos corpos são efeitos decorrentes das instituições e das práticas discursivas e, por isso, guardam em si a inconstância de tudo que é histórico e cultural, justificando-se, assim, os desvios aos enquadres da matriz heterossexual que, a princípio, “(...) delimita os padrões a serem seguidos e, ao mesmo tempo, paradoxalmente, fornece a pauta para as transgressões.” (p. 17) Essas transgressões, ainda de acordo com Louro (2008), significam 1) não apenas “partir para outra”, mas também 2) colocar-se em uma região de fronteira, isto é, num lugar onde o ilícito, os contrastes, as lutas e conflitos são constantes, bem como o exagero, a ironia e a paródia, que tornam evidentes as arbitrariedades das divisões, limites e separações. Neste sentido é que:

“(...) a paródia que arremeda os “nativos” do “outro” lado, que embaralha seus códigos com os “desse lado”, que mistura e confunde as regras, que combina e distorce a linguagens é tão perturbadora. Ela se compraz da ambiguidade, da confusão e da mixagem.” (p. 20)

Embora Agatão afirme não gostar e, tampouco, frequentar a Parada Gay de Soure, ele muito provavelmente, em algum momento, já esteve em alguma das edições anteriores, apesar de não haver mencionado qualquer coisa ao longo de nossa convivência. Todavia, seu quase rechaço à “exposição” das drags atesta que, certamente, ele já as viu pessoalmente e que, em razão de experimentar um modo de vida gay, segundo ele mesmo, reservado, “(...) aquelas bichas desmunhecando, querendo ser mulher, usando saia, maquiagem” (Em 19/07/2013) não o agradam muito. Nas palavras de Louro (2008):

“[p]ara as fronteiras constantemente vigiadas dos gêneros e da sexualidade, a crítica paródica pode ser profundamente subversiva. Em sua ‘imitação’ do feminino, uma *drag queen* pode ser revolucionária. Como uma personagem estranha e desordeira, uma personagem fora da ordem e da norma, ela provoca desconforto, curiosidade e fascínio. De que material, traços, restos e vestígios ela se faz? Como se faz? Como fabrica seu corpo? Onde busca as referências para seus gestos, seu modo de ser e de estar? A quem imita? Que princípios e normas “cita” e repete? Onde os aprendeu? A *drag* escancara a construtividade dos gêneros. Perambulando por um território inabitável, confundindo e tumultuando, sua figura passa a indicar que a fronteira está muito perto e que pode ser visitada a qualquer momento. Ela assume a transitoriedade, ela se satisfaz com as justaposições inesperadas e com as misturas. A *drag* é mais de um. Mais de uma identidade, mais de um gênero, propositadamente ambígua em sua sexualidade e em seus afetos. Feita deliberadamente de excessos, ela encarna a proliferação e vive à deriva, como um viajante pós-moderno.” (idem)

E foi, justamente, com um show para escolher a “Drag da Parada” que os/as representantes de vários grupos do Movimento Gay de Belém deram início às primeiras atividades da VIII Parada do Orgulho LGBT de Soure que, por sua vez, começou – para um público animado –

Wladirson Ronny da Silva Cardoso | Kaique Campos Duarte

às dezenove horas do dia 20/07/2014 (sábado), pontualmente. Em um palco de aproximadamente dois metros de altura, montado na Primeira Rua, entre o Porto da Balsa e o antigo trapiche – que os/as habitantes de Soure chamam de “ponte” – às margens do Rio Paracauari, ou seja, na orla da cidade, teve início, portanto, mais uma edição desta que é uma das mais conhecidas Paradas das férias do veraneio de julho do Marajó e que, como disse anteriormente, integra o calendário de festas da Prefeitura Municipal neste período.

Diferentemente do que acontece em São Paulo ou em Belém, por exemplo, onde há uma programação semanal que antecede o dia da marcha; observei que, o dia anterior da VIII Parada de Soure, foi marcado, unicamente, pela escolha da drag que iria abrilhantar o evento na noite seguinte. Destarte, todas luzes acesas, DJ Alison tocando os “hits” nacionais e internacionais do momento, fumaça de gelo seco, bandeira do arco-íris estendida à base e ao fundo do palco – acima da qual as bandeiras do Brasil (à esquerda) e a do Pará (à direita) –, teve início a “festa da diversidade” com uma colorida disputa entre as candidatas que, obrigatoriamente, deveriam ser nativas do lugar.

Duda Lacerda, militante “transsex” e mestre de cerimônias do evento, anunciou os critérios de avaliação, o quais consistiam, basicamente, na beleza do figurino e na “performance” da candidata (dublagem e “bate cabelo”, isto é, um movimento giratório/circular bastante rápido que, nas apresentações performáticas de travestis e drag queens, é o ponto alto característico dos shows dessas “divas do mundo gay”. A vencedora foi a drag Paola-Galega que desenvolveu performance com um pout-pourri de músicas conhecidas do público como o funk “Prepara”, da cantora Anitta, “I will survive”, de Gloria Gaynor e outras tantas músicas eletrônicas.

Paola-Galega surpreendeu o público algumas vezes, o qual retribuiu a apresentação com gritos e palmas. Inicialmente a drag abriu um enorme leque vermelho, do qual saiu uma fumaça de purpurinas, e, na sequência tirou o adereço de cabeça e a parte de baixo do figurino – uma saia de tecido rosa-transparente aberta na parte da frente – para “bater o cabelo” e dar duas cambalhotas e, finalmente, encerrar com uma abertura de pernas no chão. Vitória garantida! Estava, pois, eleita a nova drag da 8ª (oitava) edição da Parada LGBT de Soure que encerrou as primeiras atividades por volta das dez horas desta noite de sábado.

Wladirson Ronny da Silva Cardoso | Kaique Campos Duarte

Nem trios elétricos enfileirados e, tampouco, uma manhã dominical quente, iluminada pelo sol; a VIII Parada LGBT de Soure aconteceu no mesmo palco em que se apresentaram as drags na noite anterior. Por volta das dezenove horas do dia 21/07/2014, Duda Lacerda anunciou que, finalmente, aquele “dia especial da festa da diversidade” havia chegado e que, mais uma vez, haveria apresentação de drag queens, com destaque para a “Drag da Parada” e para a surpresa da noite, qual seja, a apresentação de go-go boys, “vindos de Belém!”

Antes do DJ Alison passar o som, das luzes coloridas se acenderem e da fumaça de gelo seco tomar conta do tablado armado na Primeira Rua, às margens do Rio Paracauari, jovens adolescentes, em turma, acompanhados ou não de seus pais e/ou responsáveis, já se aglomeravam ao redor do palco, sob o olhar atento de alguns membros do Conselho Tutelar e da Polícia. Não observamos nenhuma confusão ou briga; pelo contrário, pareciam todos/as muito interessados em apreciar às atrações anunciadas e se divertir. Quando, finalmente, Duda, apresentadora/cerimonialista do evento, declarou, às 19:30h (dezenove horas e trinta minutos) da noite, que a Parada Gay de Soure estava aberta e que militantes fariam algumas intervenções através de falas e discursos, todos/as procuraram os melhores lugares para assistir às estrelas da noite e tirar as melhores fotos.

Na noite do domingo 21/07/2014, portanto, o DJ Alison, interagindo com o público, juntamente com Duda Lacerda, animaram a todos/as que se encontravam presentes e, na medida em que algumas pautas reivindicadas pelo Movimento Gay de Belém eram colocadas aos/às presentes por militantes do alto do palco, mais e mais pessoas se juntavam naquele “pedaço” da Rua da Ponte, a fim de participar dessa edição da Parada de Soure, que contou, novamente, com a apresentação de drags e com a anunciada (e aguardada!) performance de go-go boys que agitou meninas e meninos, jovens e adultos, até aproximadamente às 23:00h (vinte e três horas), momento em que Duda Lacerda se despediu dos/as que ali estavam, agradecendo a participação de todos/as e o apoio que o município e alguns políticos deram para a realização do evento.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nenhuns dos interlocutores nesta pesquisa encontravam-se na orla da cidade durante as apresentações de sábado 20/07/2014 e, tampouco se fizeram presentes na noite seguinte, isto

Wladirson Ronny da Silva Cardoso | Kaique Campos Duarte

é, na noite da Parada, digo, no domingo 21/07/2014. Nem Fedro e muito menos Agatão assistiram aos eventos há pouco descritos. Agatão por motivos já declarados, isto é, não gosta de agitação; Mas e Fedro ? Onde estariam?... Na segunda-feira, dia 22/07/2013, pela manhã, fui até à casa de Agatão procurá-lo e comentar com ele um pouco do que havia observado. Como de costume, ele me ofereceu um “café com bolero” e conversamos acerca da opinião dele sobre as Paradas LGBT’s e ele, então, trouxe um dado novo:

“(...) ali não tem lugar pra pessoas como eu. Já tô velho e o que os outros querem lá é outra coisa. É casamento, mudança de sexo. Ninguém fala nada de viado velho. E também ninguém ali sabe ser educado, querem tudo ser mulher.” (Em 22/07/2013)

Se de um lado, Agatão “implica” com a agitação desse tipo de manifestação aberta e popular; de outro lado, ele também se ressentido de não ser tratado educadamente, quer dizer, com respeito à sua condição de homossexual envelhecendo, pois não se vê representado nas falas e expressões do Movimento LGBT. Isso nos faz perceber que, se há, de fato, inúmeros pontos de convergência que aproximam e identificam as Paradas Gays de Belém e São Paulo, já que, por exemplo, ambas realizam-se em duas grandes capitais brasileiras, distinguindo-as, a partir, da espacialidade e da temporalidade observadas na Parada de Soure, no Marajó – muito embora se possa, aqui, indicar a diferença mais ampla entre a marcha/passeata que se realiza na capital do Pará e na capital paulista, visto que a primeira ocorre na Amazônia e a última na maior metrópole da América Latina; tanto a Parada de Soure, assim como as de Belém e São Paulo, em momento algum, colocaram em discussão as demandas do estrato geracional correspondente aos “viados velhos”.

O quadro abaixo ajuda a compreender melhor essas convergências entre as Paradas de Belém e de São Paulo, em contraste/comparação com os dados coletados na observação da VIII Parada Gay de Soure (Quadro 1):

Quadro 1 – Paradas do Orgulho LGBT de Belém, São Paulo e Soure.

Lugar	Belém	São Paulo	Soure
Ano(s)	2003; 2007; 2008; 2009; 2010; 2011; 2012; 2013.	2014	2013
Edições	2ª (Segunda); 6ª (Sexta); 7ª (Sétima); 8ª (Oitava); 9ª (Nona); 10ª (Décima); 11ª	18ª (Décima oitava)	8ª (Oitava)

Wladirson Ronny da Silva Cardoso | Kaique Campos Duarte

	(Décima Primeira); 12ª (Décima Segunda).		
Mobilização Pública	Atividades realizadas em vários espaços da cidade de no mínimo uma semana antes do dia da marcha/caminhada.	Atividades realizadas em vários espaços da cidade de no mínimo uma semana antes do dia da marcha/caminhada.	Integra a Programação de veraneio das férias de julho.
Estrutura	Trios elétricos e palco para os shows de encerramento.	Trios elétricos e palco para os shows de encerramento.	Palco armado para atividades e shows ligados também à Parada.
Circuito (Concentração/Dispersão)	Av. Doca de Souza Franco/Av. Boulevard Castilho França.	Av. Paulista/Rua da Consolação.	Primeira Rua (Orla do Rio Paracauari) ou “Rua da Ponte” (Trapiche).
Horário (Início/Término da marcha/caminhada)	Começo da tarde até às 17:30h/18:00h.	Começo da tarde até às 17:30h/18:00h.	Não há marcha/caminhada. Ocorre à noite, a partir das 19:00h aproximadamente até às 22:00h.
Característica	Móvel	Móvel	Fixa
Demandas Políticas	1) Respeito e reconhecimento às identidades políticas LGBT; 2) Criação e a implementação de políticas públicas de prevenção e proteção de LGBT's contra doenças	1) Respeito e reconhecimento às identidades políticas LGBT; 2) Criação e a implementação de políticas públicas de prevenção e proteção de LGBT's contra	1) Respeito e reconhecimento às identidades políticas LGBT; 2) Criação e a implementação de políticas públicas de prevenção e proteção de LGBT's contra doenças

Wladirson Ronny da Silva Cardoso | Kaique Campos Duarte

	venéreas e o HIV/aids; 3) União civil entre pessoas do mesmo sexo [ou “Casamento Gay”]; 4) Adoção de menores por casais do mesmo sexo [homoparentalidade]; 5) Aprovação de Projeto de Lei que criminaliza a homolesbotrasfobia; 6)Aprovação da Lei de Identidade de Gênero.	doenças venéreas e o HIV/aids; 3) União civil entre pessoas do mesmo sexo [ou “Casamento Gay”]; 4) Adoção de menores por casais do mesmo sexo [homoparentalidade]; 5) Aprovação de Projeto de Lei que criminaliza a homolesbotrasfobia; 6)Aprovação da Lei de Identidade de Gênero.	venéreas e o HIV/aids; 3) União civil entre pessoas do mesmo sexo [ou “Casamento Gay”]; 4) Adoção de menores por casais do mesmo sexo [homoparentalidade]; 5) Aprovação de Projeto de Lei que criminaliza a homolesbotrasfobia; 6)Aprovação da Lei de Identidade de Gênero.
--	---	---	---

Se, genericamente, as semelhanças entre as Paradas Gays de Belém e de São Paulo marcam uma distância estrutural/organizacional relativamente à Parada de Soure; e se esta última, como se pode ver, segue fidedignamente um programa de demandas e reivindicações políticas em um nível nacional mais amplo; questões locais, como as injúrias do tipo das que o Bispo da Prelazia do Marajó dirige contra os homossexuais, acusando-os, todos, de aliciadores e pedófilos, ficam obnubiladas. No entanto, uma demanda de interesse mais geral, como, por exemplo, a atenção, a garantia e a proteção de gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais em processo de envelhecimento parece mesmo ausente dos horizontes teóricos e discursivos do Movimento e da militância LGBT, desagradando, portanto, Agatão que, por sua vez, não se vê representado no conjunto desta diversidade.

Neste sentido, não pensamos que o posicionamento de Agatão seja alienado e descomprometido. Pelo contrário: Agatão tem uma participação social e política relevante em Soure, de modo que grande parte dos/as moradores da cidade o (re)conhecem, dado que, antes da aposentadoria, Agatão exerceu, por longos anos, o magistério e tem amigos/as entre políticos e donos de fazenda da região. Embora não se exponha em atividades ou eventos como a Parada Gay, ele tem um ponto de vista crítico, relativamente ao silêncio que paira sobre a questão da envelhecêcia gay e, também, sobre outras questões de interesse público dos/as habitantes de Soure. Mas esta é uma outra questão a ser aprofundada em uma outra oportunidade ou ocasião.

REFERÊNCIAS

- Agenor Sarraf. 2010. **A conquista do ocidente marajoara – índios, portugueses e religiosos em reinvenções históricas in: Muito além dos campos – Arqueologia e História na Amazônia Marajoara**. Organizado por D. Schaan e C. Martins, pp. 13-32. Belém-Pará: Gknoronha.
- Borrillo, Daniel. 2010. **Em Homofobia – História e crítica de um preconceito**. Belo Horizonte: Autêntica. 141p.
- Bosi, Ecléia. 2012. **Memória e sociedade: Lembranças de velhos**. São Paulo: Companhia das Letras. 484p.
- Bosi, Ecléia. 2004. **O tempo vivo da memória**. São Paulo: Ateliê Editoria. 219p.
- Bourdieu, Pierre. 1989. **O poder simbólico**. Lisboa: Difel; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- _____. Pierre. 2007. **A dominação masculina**. Tradução: Maria Helena Kühner, 5ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 160p.
- Brasil. Estatuto do Idoso. Lei Nº 10.741, de 1º de outubro de 2003.
- Brasil Direitos Humanos. 2008: **A realidade do país aos 60 anos da Declaração Universal**. – Brasília: SEDH, c. 2008. 285p.: il. color.
- Correa, Mariele Rodrigues. 2009. **Cartografias do envelhecimento na contemporaneidade: velhice e terceira idade**. São Paulo: Cultura Acadêmica. 125p.
- Edgardo, Castro. 2009. **Vocabulário de Foucault – um percurso pelos seus temas, conceitos e autores** / Edgardo Castro; tradução Ingrid Müller Xavier; revisão técnica Alfredo Veiga-Neto e Walter Omar Kohan. – Belo Horizonte: Autêntica Editora. 477p.
- Eribon, Didier. 2008. **Reflexões sobre a questão gay**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud. 445p.
- Facchini, Regina. 2005. **Sopa de letrinhas?: movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 90**. Rio de Janeiro: Garamond.
- _____. Regina. 2012. **Conexões, processos políticos e movimentos sociais: uma reflexão teórico-metodológica a partir do movimento LGBT** in: Revista Advir, pp. 6-20. Rio de Janeiro: Asduerj.
- Foucault, Michel. 2000. **A vida dos homens infames, in: O que é um autor?** pp. 89-128. Lisboa: Passagens.
- _____. Michel. 2006. **A Ordem do discurso**. São Paulo: Editora Loyola. 79p.
- _____. Michel. 2011. **Os anormais – Curso no Collège de France (1974-1974)**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes (Coleção Obras de Michel Foucault). 330p.

Wladirson Ronny da Silva Cardoso | Kaique Campos Duarte

_____. Michel. 2011. **História da Sexualidade I – A vontade de saber**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal. 176p.

Fry, Peter. 1982. **Para inglês ver – Identidade e Política na Cultura Brasileira**. Rio de Janeiro: Zahar Editores. 135p.

Fry, P.; Macrea, R. 1985. **O que é homossexualidade**. São Paulo: Abril Cultural: Brasiliense (Coleção Primeiros Passos). 125p.

Geertz, Clifford. 1989. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC Editora. 213p.

_____. Clifford. 1989. Ethos, **Visão de Mundo e a Análise de Símbolos Sagrados in: A Interpretação das Culturas**, pp. 93-103. Rio de Janeiro: LTC Editora. 213p.

Giddens, Anthony. 1993. **A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista (UNESP). 228p.

Goffman, Erving. 2012. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Rio de Janeiro: LTC. 158p.

Goldenberg, Mirian. 2008. **Coroas: corpo, envelhecimento, casamento e infidelidade**. Rio de Janeiro: Record. 221p.

Jurandir, Dalcídio. 1992. Marajó, 3ed. Belém: CEJUP. 388p.

Louro, Guacira Lopes. 2008. **Um corpo estranho – ensaios sobre sexualidade e teoria queer, 1ed**. Belo Horizonte: Autêntica. 95p.

Magnani, José Guilherme Cantor. 2003. **Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade**, 3ed. São Paulo: Hucitec/UNESP.

Mauss, Marcel. 1974. **As técnicas do corpo in: Sociologia e Antropologia V. II**, pp. 209-233. São Paulo, EPU/EdUSP.

Mota, Murilo Peixoto da. 2009. **Homossexualidade e Envelhecimento: algumas reflexões no campo da experiência**, in: SINAIS - Revista Eletrônica - Ciências Sociais. Edição n.06, v.1, pp. 26-51. Vitória: CCHN, UFES.

Mucida, Ângela. 2009. **Escrita de uma memória que não se apaga – Envelhecimento e velhice**. Belo Horizonte: Autêntica. 149p.

Neves, Luiz Felipe Baêta. 2012. **Corpo, velhice, projeto e neoliberalismo in: Que corpo é esse? – Novas perspectivas**, pp. 51-56. Rio de Janeiro: Mauad.

Paiva, Antonio Crístian Saraiva. 2007. **Reservados e Invisíveis – o ethos íntima das parcerias homoeróticas** – Fortaleza: Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará; Campinas: Pontes Editores. 368p.

Wladirson Ronny da Silva Cardoso | Kaique Campos Duarte

_____. Antônio Crístian Sarava. 2009. **Corpos/Seres que não importam? Sobre homossexuais velhos** in: Bagoas, pp. 191-208, n 4.

_____. Antonio Crístian Saraiva. 2011. **Amizades e modos de vida gay: por uma vida não fascista**, in: Cartografias de Foucault. Editado por D. M. de A. Júnior; A. Veiga-Neto; A. de S. Alípio (orgs.), pp. 41-51. 2ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora.

Platão. 2001. **O Banquete – Apologia de Sócrates**. Belém: UFPA.

Salih, Sara. 2012. **Judith Butler e a Teoria Queer**. Tradução e notas: Guacira Lopes Louro. Belo Horizonte: Autêntica Editora. 235p.

Sedgwick, Eve Kosofsky. 2007. **A Epistemologia do Armário in: Cadernos Pagu**. Tradução de Plínio Dentzien, pp. 19-54. Campinas, Núcleo de Estudos de Gênero Pagu.

Simões, Júlio Assis. 2005. **Homossexualidade Masculina e Curso da Vida: Pensando Idades e Identidades Sexuais in: Sexualidade e Saberes: Convenções e Fronteiras**. Piscitelli, Adriana et alli. (Org.), pp. 415-447. Rio de Janeiro: Garamond.

_____. Júlio Assis. 2011. **Corpo e sexualidade nas experiências de envelhecimento de homens gays em São Paulo**, in: A Terceira Idade – Estudos sobre Envelhecimento – Revista Eletrônica – Serviço Social do Comércio (SESC). Edição n. 50, v. 22, Jul. 2011, pp. 07-19. São Paulo: Edubase (Faculdade de Educação/UNICAMP).

Stepansky, Daizy. 2012. **Velhice, imaginário e cidadania in: Que corpo é esse? – Novas perspectivas**, pp. 155-170. Rio de Janeiro: Mauad.

Trevisan, João Silvério. 2011. **Devassos no paraíso (A homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade)**, 8ed. Rio de Janeiro: Record. 586p.

Zago, Luiz Felipe. 2010. **Homens, Homens Gays** in: Retratos do Brasil homossexual: fronteiras, subjetividades e desejos. Editado por Horácio Costa... [et all] (org.), pp. 381-390. – São Paulo: Editora da Universidade do Estado de São Paulo: Imprensa Oficial.